

CINEMATECA PORTUGUESA

18 de Maio de 2024

DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU

XIME / 1994

Um filme de Sana Na N'Hada

Argumento: Sana Na N'Hada e Joop Van Wijk / *Diretor de fotografia (cor):* Melle Van Essen / *Direcção Artística:* Anet Wilgenhof / *Música:* Patricio Wong e Malam Mane' / *Intérpretes:* José Tamba (*Bedan*), Justino Neto (*Raul*), Aful Macka (*Iala*), Etelevina Gomes (*N'Dai*), Juan Carlos Tajés (*Cunha*), Daniel Smith (*Padre Vittorio*).

Produção: Molenwiek Film (Amesterdão) e Arco Iris (Bissau) / *Cópia:* da JBC Productions (Paris), ficheiro digital, versão original com legendas em francês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 92 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (seção Un Certain Regard), Maio de 1994 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 31 de Outubro de 1995, no âmbito do ciclo "Cinemas de África".

com a presença de SANA NA N'HADA

AVISO: a cópia tem deficiências de nitidez de imagem. Pelo facto, as nossas desculpas.

Xime foi a terceira longa-metragem realizada na Guiné-Bissau, vinte anos depois da independência do país, o que dá uma ideia da extrema dificuldade de se produzir filmes em África. É pura e simplesmente impossível escapar às co-produções com países europeus, no caso deste filme a Holanda, o que contribui para perpetuar um certo círculo vicioso: em parte devido ao facto da maioria dos jovens africanos que querem fazer cinema escolherem a realização, os países africanos dispõem de poucos técnicos e, embora esta situação tenha melhorado nos últimos vinte anos, esta situação é perpetuada pelo regime de co-produções, que impõe a utilização de técnicos dos dois países, o que na prática resulta em técnicos do país europeu co-produtor. A escassez de diretores de fotografia africanos tem uma incidência sobre os filmes, pois um europeu jamais fotografará uma paisagem ou um corpo africano do mesmo modo que um africano o faria. Pelo menos é o que dizem os europeus, que parecem mais preocupados com este aspecto do que muitos africanos. Seja como for, o cinema africano corre o mesmo perigo, que paira sobre todas as cinematografias não-europeias que conhecem algum sucesso no circuito comercial europeu (casos do cinema brasileiro nos anos 60 e 70 ou do cinema chinês dos anos 80), que é o de fazer filmes ligeiramente "exóticos", destinados aos olhares exógenos, problema que é ampliado pelo facto das imagens dos filmes africanos já serem produzidas por estes futuros consumidores.

Xime foi criticado por mostrar uma imagem da África tal como a querem ver os europeus, a nível dos enquadramentos e sobretudo da luz. É difícil dizer a que ponto a fotografia de um filme pode influir sobre a sua identidade cultural. É facto que no primeiro plano, que contém uma das melhores ideias visuais do filme, a parede de tijolos lembra antes a Holanda do que a África (mas é sobretudo uma parede de tijolos, que não é africana nem holandesa). Mas também é preciso ter em mente que, contrariamente aos raros filmes africanos que têm sido vistos na Europa, **Xime**

não se situa numa região de savanas e sim de florestas, com uma luz e um espaço totalmente diferentes, o que exige outras soluções cinematográficas. Além disso, neste filme a câmara tem um dinamismo que não é frequente no cinema africano, facto que nem sempre é devido a uma escolha dos realizadores e há um certo número de enquadramentos deliberadamente rebuscados e artificiosos, que fogem por completo à habitual articulação visual do cinema africano. Há também uma certa procura da beleza dos rostos e dos corpos africanos, segundo padrões europeus, um aspecto mais estimulante do que a busca da "cor local" a que certos cineastas sucumbem e que não altera a identidade de um filme ao qual não falta o que um crítico americano chamou "*standard African village intrigue*", com jogos infantis, conflito pai-filho, pequenos conciliábulos dos velhos. A configuração de **Xime** não tem nenhuma ambição "realista", antes pelo contrário: basta ver a maneira como são mostrados a residência e o gabinete do administrador português ou as diversas sequências em que os personagens dos futuros guerreiros anti-coloniais são mostrados sob a forma de sombras chinesas, o que é um belo achado de *mise-en-scène*, pois estas sombras são destinadas a multiplicarem-se e a tornarem-se corpos.

Criticar **Xime** pelo facto do filme ter uma produção solidamente profissional, como fizeram alguns, é uma posição um tanto estranha, sobretudo porque o filme tem outros aspectos mais facilmente criticáveis e que levantam algumas questões de fundo. Embora estejamos muito longe do esquematismo do cinema militante dos anos 70, com a ingenuidade das suas cóleras e das suas prepotentes certezas, **Xime** não escapa a uma certa simplificação, com personagens arquetípicos (o administrador, o missionário, o polícia negro, o guerrilheiro), ou seja, personagens que nunca são indivíduos e, por conseguinte, não têm nuances, espessura, complexidade. O caso mais gritante é evidentemente o do administrador português, por ser o único realmente caricato (aspecto atenuado pela cena em que ele se embebeda e ouve um fado, o que lhe dá uma súbita existência humana, de burocrata desterrado), mas pode-se dizer o mesmo de muitos "personagens positivos", igualmente imutáveis. A transformação passageira dos jovens viris da aldeia em travestis é um ponto enigmático para um espectador não-africano, e também um tanto cómico, e guarda um aspecto simbólico e ritualizado que, pelo facto de ser uma ação de grupo, não parece ter incidência sobre cada um dos personagens. Este aspecto estático e simplificado dos personagens não é devido a alguma falta de sutileza por parte do realizador, é um ônus do tipo de filme que quis fazer. Estamos diante de um filme de 1994 cuja ação tem lugar em 1963, ou seja, um filme que ritualiza o começo da luta armada contra Portugal ("*agora, é a guerra*", dizem, cada um do seu lado, o português e o africano, na sequência final), e que procura ter antes o tom de uma fábula do que o de um comício. Nem sempre é fácil, no entanto, tecer uma fábula e não faltam ao filme passagens "pedagógicas", felizmente breves, como as discussões do missionário com o futuro guerrilheiro. Como todos os filmes africanos que abordam o tema do fim da era colonial, **Xime** tem dificuldade em abordar um aspecto central da questão: o facto das independências africanas não terem abolido o passado, a realidade da passagem física do colonizador, o que não exclui a constatação desta ter sido totalmente parasitária e nociva (compare-se o caso africano com o do continente americano, onde a civilização europeia lançou verdadeiras raízes). É uma lástima que em **Xime** o único colono branco seja um comerciante com tendências à pedofilia e que a metrópole colonial seja resumida a um burocrata e ao negro que lhe serve de braço armado. Apesar das suas virtudes como objeto de cinema, **Xime**, filme sobre a oposição África-colonizador, o filme não consegue encarar frontalmente uma realidade fundamental: a política não cancela nem abole a História.

Antonio Rodrigues